

2010

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Orquestra de Câmara de Basel

Sol Gabetta

VIOLONCELO

A cada 3 segundos, um novo sorriso é inaugurado no país Semp Toshiba.

Há quase 70 anos, nascia no Brasil uma empresa inquieta e que pensava grande. Hoje, a Semp Toshiba é líder na fabricação e vendas de televisores no País, com mais de 17 milhões de televisores vendidos só nos últimos 10 anos. Está presente na maioria dos lares brasileiros, com a mais completa linha de TVs LCD do Brasil, com Notebooks, Desktops e Netbooks, com aparelhos de Áudio, com DVDs, além de Celulares com TV, GPS e Receptores Portáteis para TV Digital. E conta também com produtos especialmente desenvolvidos para o Uso Corporativo. Hoje, a cada 3 segundos, um novo produto Semp Toshiba é comprado. São mais de 100 milhões de pessoas no Brasil que, todos os dias, estão em contato com nossos produtos. Uma população maior que a de muitos países do mundo. E continuamos crescendo.



VENDAS E INFORMAÇÕES:
0800 162 900
 WWW.SEMPTOSHIBA.COM.BR

Um país chamado
SEMP TOSHIBA

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2010

Orquestra de
Câmara de Basel
Sol Gabetta
VIOLONCELO



PATROCÍNIO





Orquestra de Câmara de Basel

Em sua configuração atual, a *kammerorchesterbasel*, fundada em 1984, dá sequência a uma tradição estabelecida ainda na primeira metade do século XX pelo regente e mecenas suíço Paul Sacher (1906-1999), que, em 1926, fundou a primeira orquestra de câmara de Basel, à qual, dois anos mais tarde, viria juntar-se o coro de câmara da cidade. À bem-sucedida iniciativa do notável maestro suíço deve-se, pois, a existência daquela que é hoje uma das mais requisitadas orquestras de câmara do panorama erudito europeu.

Dona de um repertório que combina com raro talento o antigo e o moderno, a Orquestra de Câmara de Basel realiza cerca de noventa concertos anuais, a maioria deles na Europa. Suas temporadas de concertos em Basel marcam de forma decisiva a vida cultural da cidade, mas esse *ensemble* suíço também desfruta há tempos de farto reconhecimento internacional, que granjeou sobretudo em participações de sucesso nos mais importantes festivais de música do calendário europeu e em apresentações por grandes centros musicais como Londres, Amsterdã, Berlim, Zurique, Viena e Paris.

O conjunto conta com a colaboração frequente de regentes como Giovanni Antonini, David Stern, Paul McCreech, Kristjan Järvi e Paul Goodwin, e apresenta-se com regularidade ao lado de maestros e solistas tais como Philippe Herreweghe, Cecilia Bartoli, Magdalena Kozena, Emma Kirkby, Jennifer Larmore, Andreas Scholl, Julia Fischer, Christian Tetzlaff, Daniel Hope, Matthias Goerne, Angelika Kirchschrager, Tabea Zimmermann, Renaud Capuçon, Pieter Wispelwey, Thomas Zehetmair, Giuliano Carmignola, Emmanuel Pahud, Sabine Meyer e Sol Gabetta.

Internacionalmente, a Orquestra de Câmara de Basel notabilizou-se também por sua interpretação do *Lotario* de Haendel (2004), sob a regência de Paul Goodwin, e pelas *premières* das óperas *Riccardo Primo* (2007) e *Ezio* (2009). Ainda no universo do repertório barroco, destacam-se, ademais, suas aclamadas turnês com Magdalena Kozena, Cecilia Bartoli, David Daniels, Andreas Scholl e Giuliano Carmignola, em atuações que levaram o *Times* londrino a caracterizar a *kammerorchesterbasel* como “uma verdadeira revelação”.

Crítica e público têm recebido com entusiasmo as parcerias discográficas dessa privilegiada orquestra suíça com artistas como Angelika Kirchschrager, Marijana Mijanovic, Nuria Rial e Lawrence Zazzo, bem como o registro fonográfico das sinfonias de Beethoven sob a batuta de Giovanni Antonini, do qual o terceiro volume, com as sinfonias de número 5 e 6, chegou às lojas em março último.

A presente turnê por Argentina, Uruguai e Brasil marca a estreia da Orquestra de Câmara de Basel nos palcos sul-americanos, em formação liderada por Andrés Gabetta e tendo por solista a renomada violoncelista argentina Sol Gabetta, com quem a *kammerorchesterbasel* excursiona também, na atual temporada, por Alemanha, Itália e Suíça.

“A MAIS CONHECIDA E,
SEM DÚVIDA, A MELHOR
ORQUESTRA DE CÂMARA SUÍÇA”.
NEUE ZÜRCHER ZEITUNG, ZURIQUE

Sol Gabetta

VIOLONCELO

De ascendência franco-russa, a violoncelista Sol Gabetta nasceu na cidade de Córdoba, na Argentina, em 1981. Seu primeiro concurso musical, ela venceria aos 10 anos de idade, ainda em seu país natal. Poucos depois, uma bolsa de estudos lhe permitiria matricular-se na Escola Superior de Música Rainha Sofia, em Madri, onde estudou de 1992 a 1994. Daí em diante, complementaria sua formação na Academia de Música de Basel, na Suíça, sob a orientação de Ivan Monighetti, bem como com o excepcional violoncelista lituano David Geringas, discípulo de Mstislav Rostropovich.

Em 2004, depois de vencer o disputado Concurso Tchaikovsky de Moscou, de elevado renome internacional, sua estreia nos palcos causou sensação. Gabetta debutou no Festival de Lucerna sob a batuta de Valery Guerguiev, à frente da Filarmônica de Viena. Não tinha ainda prestado seu exame final como concertista, o que fez em 2006, na Escola Superior de Música Hanns Eisler, em Berlim.

Nos últimos anos, Sol Gabetta tem se apresentado ao lado de orquestras como, por exemplo, a Filarmônica de Munique, a Orquestra Sinfônica de Viena, a *National Symphony Orchestra*, de Washington, a Orquestra Sinfônica de Detroit e a *Royal Philharmonic Orchestra*, além de atuar regularmente ao lado da Orquestra de Câmara de

Basel. É, também, presença constante nos mais destacados festivais musicais europeus, como os de Rheingau, Verbier, Gstaad, Schwetzingen e Schleswig-Holstein.

Seu primeiro registro fonográfico, com a Orquestra Sinfônica da Rádio de Munique sob o comando de Ari Rasilainen, chegou ao topo da lista dos álbuns de música erudita mais vendidos na Alemanha e rendeu-lhe o *Echo Klassik* de 2007, na categoria “instrumentista do ano”. Igual sucesso consagraria seu segundo álbum, lançado em 2007, no qual a violoncelista interpreta concertos de Vivaldi. O registro de obras de Shostakovich, em 2008, resultaria numa dupla premiação: Gabetta receberia o *Diapason d’Or* e o *Echo Klassik* de 2009, dessa vez pelo melhor desempenho do ano em concerto gravado ao vivo.

Aclamada por suas atuações tanto nos grandes palcos internacionais como nos estúdios de gravação, Sol Gabetta dá ao violoncelo “sonoridade fascinante, marcada por excepcionais energia e vivacidade”, como já apontou o jornal alemão *Frankfurter Rundschau*. Em seus concertos, essa extraordinária musicista, que é também professora da Academia de Música de Basel desde 2005, faz uso de um valioso e raro violoncelo construído em 1759 por Giovanni Battista Guaragnini.





Orquestra de Câmara de Basel

Primeiros Violinos

Andrés Gabetta *Spalla*
Tamás Vásárhelyi
Barbara Bolliger
Nina Candik
Johannes Haase
Verena Giovanazzi

Segundos Violinos

Matyas Bartha
Elisabeth Kohler
Meret Lüthi
Cordelia Fankhauser
Sergio Marrini
Ivona Krapikaite

Violas

Huga Boltschweiler
Stefano Mariani
Robert Woodward
Constance Schacher

Violoncelos

Martin Zeller
Hristo Kouzmanov
Maximilian von Pfeil
Mara Miribung

Contrabaixos

Moritz Baltzer
Sven Kestel

Oboés

Edmund Worsfold
Francesco Capraro

Trompas

Olivier Darbellay
Mark Gebhart

PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Agradecemos muito o apoio de nossos patrocinadores.

PATROCINADORES PLATINA



PATROCINADORES OURO

BAIN & COMPANY



PINHEIRO NETO
ADVOGADOS

SEMP TOSHIBA

PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



livraria cultura



Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.



Telefônica

www.telefonica.com.br

17 DE NOVEMBRO DE 1926: MÁRIO DE ANDRADE APRESENTA ERNESTO NAZARETH



Em 1926, décimo quarto ano de sua existência, a Sociedade de Cultura Artística apresentou ao público paulistano apenas duas conferências literárias. Os saraus, encontros literomusicais que justificaram em grande parte a própria criação da sociedade, se tornavam cada vez mais raros. Naquele ano, foram apenas dois. Um deles, realizado em 17 de novembro, ficou registrado como um evento histórico; seu protagonista foi o escritor e musicólogo Mário de Andrade. Diante de uma plateia conservadora e tradicionalista, Mário se impôs a dura tarefa de apresentar Ernesto Nazareth como compositor tão digno de ter sua obra executada em uma sala de concerto quanto, por exemplo, Chopin.

Para que a noite transcorresse sem protestos explícitos, o presidente da SCA, Nestor Pestana, deu entrevistas aos jornais e falou pessoalmente com os sócios, visando a explicar a posição da sociedade no tocante às fronteiras entre o “popular” e o “erudito”: nada de radicalismos — se a música entendida como brasileira não era só a de autores como Donga e Sinhô, tampouco era apenas aquela tida como “elevada”, inspirada nos “mestres” europeus. O presidente citou alguns avalistas internacionais da obra do compositor de *Brejeiro*, *Odeon* e *Você Bem Sabe*. Dentre eles estavam grandes nomes, como os de Arthur Rubinstein, Darius Milhaud, Henrique Oswald e Alberto Nepomuceno. A plateia ouviu educadamente, mas sem grande entusiasmo.

Mário de Andrade ensinou que Nazareth era um compositor essencialmente instrumental, que suas peças eram complexas, de difícil execução, e que o público deveria considerá-las obras de peso, bem mais artísticas do que muita gente imaginava. Disse mais: elas deveriam integrar o repertório de todo pianista brasileiro.

Era a primeira conferência sobre um compositor contemporâneo realizada por um intelectual modernista numa sociedade artística de elite, habituada a se mostrar atualizada mediante sua sintonia com a cultura europeia. Eis aí, com certeza, uma página importante da história da Sociedade de Cultura Artística e de seu papel na formação musical da cidade de São Paulo.

A RECONSTRUÇÃO DO TEATRO CULTURA ARTÍSTICA



O **Teatro Cultura Artística**, destruído por um incêndio em agosto de 2008, será reconstruído com base em um projeto arquitetônico capaz de atender às necessidades técnicas e artísticas de um espaço teatral contemporâneo, mas em concordância com os princípios e valores que sempre regeram sua história.

A Sociedade de Cultura Artística anunciou o início oficial das obras de reconstrução do **Teatro Cultura Artística** no dia 20 de março de 2010, com a presença do Prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. A construtora Racional Engenharia é a responsável pela etapa inicial das obras, relacionada ao painel de Di Cavalcanti e à fachada original, ambos tombados pelo Condephaat em dezembro de 2008. A rua Nestor Pestana foi parcialmente fechada para que a grua e o guindaste pudessem trabalhar, garantindo a segurança dos transeuntes. Os tapumes colocados em frente à fachada já foram trocados, e a placa oficial de aviso de obra está instalada no local — para alegria dos paulistanos que anseiam pelo renascimento do **Teatro Cultura Artística**.

Projetado especialmente para o teatro, o maior painel existente de Di Cavalcanti — de 48m x 8m — passou por ampla avaliação mediante testes de percussão, tessela a tessela (cada pastilha de vidrotel que compõe o mosaico). O painel de Di Cavalcanti é de 1950 e se chama “Alegoria das Artes”. Ele deveria retratar as nove musas, filhas de Zeus com Mnemosine: Calíope, Clio, Erato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Tália, Terpsícore e Urânia; mas Di Cavalcanti representou dez mulheres em sua obra.

Nos próximos meses, será montada uma exposição com fotos históricas do painel durante o período das obras de restauração. A exposição mostrará a história do **Teatro Cultura Artística**, de sua fundação até o incêndio. Também estão previstas visitas públicas monitoradas.

A reconstrução do **Teatro Cultura Artística** é um projeto que conta com o apoio da Lei Rouanet e se enquadra no artigo 26 do Pronac, o Programa Nacional de Apoio à Cultura. Isso significa que seus patrocinadores gozarão de incentivos fiscais que podem chegar a 80% da contribuição efetuada.

Para contribuir, ligue para 0800 708 2009 ou visite
www.culturaartistica.com.br/reconstrucao

APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso teatro.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Agência Estado
Aggrego Consultores
Álvaro Luis Fleury Malheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Ana Maria Xavier
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antônio Fagundes
Antonio Teofilo de Andrade Orth
Area Parking
Arnaldo Malheiros
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Safra
Beatriz Segall
Brasília de Arruda Botelho
Bruno Alois Nowak
Camila Zanchetta
Camilla Telles Ferreira Santos
Carta Capital
CBN
Claudio Cruz
Claudio e Rose Sonder
Claudio Lottenberg
Claudio Roberto Cernea
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Compacta Engenharia
CCE
Condomínio São Luiz
Credit Suisse
Credit Suisse Hedging-Griffo
Diário de Guarulhos
Editora Abril
Editora Contexto (Editora Pinsky)
Editora Globo
Editora Três
Elaine Angel
EMS
Ercília Lobo
Erwin Herbert Kaufmann
Famílias Fix, Korbivcher e Ventura
Fernando Francisco Garcia
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo

Folha de S. Paulo
Francisco Humberto de Abreu Maffei
Frederico Perret
Fundação Padre Anchieta
Fundação Promon
Gabriela Duarte
Gilberto Kassab
Gilberto Tinetti
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Helga Verena Leoni Maffei
Henri Philippe Reichstull
Hotel Cá d'Oro
Hotel Maksoud Plaza
Idort/SP
iG
Israel Vainboim
Izilda França
Jacques Caradec
Jamil Maluf
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Dias
José Carlos e Lucila Evangelista
José Roberto de Camargo Ôpice
José Roberto Mendonça de Barros
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Lúcia Cauduro
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Ôpice Advogados
Marcelo Mansfield
Marco Nanini
Maria Adelaide Amaral
Maria Helena Zockun
Mario Arthur Adler
Marion Meyer
Max Feffer (*i.m.*)
McKinsey
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso

Mônica Salmaso
Nelson Breanza
Nelson Kon
Nelson Vieira Barreira
O Estado de S. Paulo
Oi Futuro
Orquestra Filarmônica Brasileira
Oscar Lafer
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Rádio Bandeirantes
Rádio Eldorado
Revista Brasileiros
Revista Concerto
Revista Piauí
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Minczuk
Santander
Seleções Reader's Digest
Semp Toshiba
Sidnei Epelman
Sílvia Ferreira Santos Wolff
Silvio Feitosa
Susanna Sancovsky
Sylvia Leda Amaral Pinho de Almeida
Talent
Tamas Makray
Teatro Alfa
Terra
TV Globo
Unigel
Uol
Ursula Baumgart
Vera Hercília Faria Pacheco Borges
Zuza Homem de Mello

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

31 de maio, segunda-feira, 21H

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

1º de junho, terça-feira, 21H

BÉLA BARTÓK (1881-1945)

Danças Populares Romenas*c. 6'*

- I Dança do bastão
- II Dança do cinto
- III Dança do sapateado
- IV Dança da trompa
- V Polca romena
- VI Dança rápida (de Belényes)
- VII Dança rápida (de Nyágra)

LEOPOLD HOFMANN (1738-1793)

Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Ré maior, Badley D3*c. 25'*

- Allegro moderato
- Adagio un poco andante
- Allegro molto

INTERVALO

BÉLA BARTÓK

Divertimento para Orquestra de Cordas*c. 25'*

- Allegro non troppo
- Molto adagio
- Allegro assai

FRANZ JOSEF HAYDN (1732-1809)

Concerto para Violoncelo e Orquestra nº 1, em Dó maior, Hob.VIIb: I*c. 20'*

- Moderato
- Adagio
- Allegro molto

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

2010

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

YO-YO MA Violoncelo

KATHRYN STOTT Piano

Série Branca, 15 de junho, terça-feira

Série Azul, 16 de junho, quarta-feira

Morricone Gabriel's Oboe (*A Missão*)

Gershwin Prelúdio nº 2

Cesar C. Mariano Cristal

Brahms Sonata nº 1 opus 38

Graham Fitkin L

Rachmaninov Sonata opus 19



Sala São Paulo

ANNA CATERINA ANTONACCI Soprano

DONALD SULZEN Piano

Série Branca, 20 de julho, terça-feira

Série Azul, 22 de julho, quinta-feira

Fauré. Reynaldo Hahn. Bachelet.

Tosti. Tirindelli. Pietro Cimara.

Toscanini. Ottorino Respighi e Zandonai

Informações e ingressos:

(11) 3258 3344

Vendas online:

www.culturaartistica.com.br

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2010 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA — 2010

Este ano, toda contribuição ao programa de **Amigos e Mantenedores** será revertida para o projeto de reconstrução de nosso teatro. A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 80% do valor que você investe no projeto, até o limite de 6% de seu imposto de renda a pagar.

MANTENEDORES

Adelia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airtton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ameribras Ind. e Comércio Ltda.
Ana Maria L. V. Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Argetax Adm. e Part. em Empreendimentos
Arsenio Negro Junior
Bruno Alois Nowak
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Carmo e Jovelino Mineiro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Editora Pinsky Ltda.
Elisa Wolynec
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giorgio Nicoli
Giovanni Guido Cerri
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Henri Stezynger
Henrique Meirelles
IDORT/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Jorge e Léa Diamant
José E. Mindlin (*i.m.*)
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio De Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Alves Pereira
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Stuhlberger
Maria Bonomi
Maria Stella Moraes R. do Valle
Mario Arthur Adler
Mario Augusto Ceva
Mario Higino Leonel
Michael e Alina Perlman
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Minidi Pedroso

Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oswaldo Henrique Silveira
Otacilio José Coser
Paulo Cezar C. B. C. Aragão
Paulo Julio Valentino Bruna
Percival Lafer
Raphael Pereira Crizantho
Renata e Sergio Simon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Roberto Civita
Roberto e Yara Baumgart
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Silvia Dias de Alcantara Machado
Suzana e Aleksander Mizne
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Tamas Makray
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Wolfgang Knapp
9 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram Topczewski
Adroaldo Moura da Silva
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
BVDA/Brasil Verde Design
Caçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Cassio Casseb Lima
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Cláudio Roberto Cernea
Denise Ascensão Klatchoian
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobaran
Eduardo Telles Pereira
Elga Marte e Rita Marte de Arruda Sampaio
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elio Sacco
Elisa Villares L. Cesar
Eric Alexander Klug
Eugenia Lukin
Fabio Carramaschi
Fabio Konder Comparato
Fernando de Azevedo Corrêa
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Junior
Frederico Lohmann
Giancarlo Gasperini
Guilherme A. Plonski
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Henrique B. Larroudé
Henrique Eduardo Tichauer
Herbert Gruber
Horacio Mario Kleinman
Ilnoth Rueda
Iosif Sancovsky
Irto de Souza
Isaac Popoutchi
Israel Sancovsky
Issei Abe
Itiro Shirakawa
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jayme A. da Silva Telles
Jayme Vargas
Jorge e Liana Kalil
José Avelino Grota de Souza
José Carlos Moraes de Abreu
José e Priscilla Goldenberg
José Otavio Fagundes
José Paulo de Castro Emsenhuber
Kalil Cury Filho
Léo Ernest Dreyfuss
Leo Kupfer
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Lilia Klabin Levine
Lilia Salomão
Livreria da Vila
Luiz Abias
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Marcello D. Bronstein
Marcelo Mattos Araújo
Marcio Augusto Ceva
Marco Tullio Bottino
Maria Claudia Ballesteros
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Nazareth Kuczynski
Maria Teresa Igel
Marilene Rezende Melo
Marina Lafer
Marina Medici Misasi
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Marta Katz Migliori
Mauricio Leonzini
Methow Consultoria Empresarial
Norma Vannucci Di Grado
Olavo Egidio Setubal Jr.
Patrick Charles Morin Jr.
Paulo Guilherme Leser
Paulo Proushan
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Regina Weinberg
Renato Lanzi
Renato Polizzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Ricardo L. Becker
Rita de Cassia Caruso Cury
Roberto Bumagny
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Ruy Souza e Silva
Samuel Seibel
Sergio Almeida de Oliveira
Sergio G. de Almeida
Sergio Leal C. Guerreiro
Sheila Hara
Tarcisio V. Ramos
Thomas Frank Tichauer
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vivian Abdalla Hannud
Walter Geneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
35 Amigos Anônimos

Para mais informações, ligue para (11) 3256 0223 ou escreva para administracao@culturaartistica.com.br



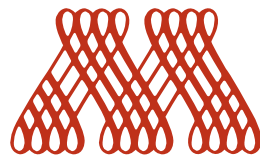
Investindo na *música* para harmonizar *relações*.



**MAKSOUND
PLAZA**
*Hospitalidade,
elegância
e serviço impecável*



*Apartamentos e suítes
Centro gastronômico 24 horas
Banquetes e eventos*



MAKSOUND PLAZA

SÃO PAULO - BRASIL

Informações e reservas

Toll free Brasil - 0800.0.13.44.11
www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista • CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel (55 11) 3145 8000 • Fax (55 11) 3145 8001 • maksoud@maksoud.com.br

O CLÁSSICO E O NEOCLÁSSICO

Nas apresentações da violoncelista Sol Gabetta diante da *kammerorchesterbasel* estão reunidos dois estilos de épocas distintas e de características próprias, ainda que ambos possuam certos elementos que se correspondem e se entrelaçam. Eles são o Classicismo da segunda metade do século XVIII e o Neoclassicismo da primeira metade do século XX.

O Classicismo, que entre seus primeiros cultores teve dois filhos de Johann Sebastian Bach — Carl Philipp Emanuel e Johann Christian —, libertou a música das amarras do baixo contínuo, dando ao discurso maior mobilidade e variedade no tocante ao seu desenrolar. Inspirando-se em boa parte nos extrovertidos e inovadores modelos italianos, que haviam anteriormente criado o Barroco, esse novo estilo privilegiou a melodia e o estilo *cantabile*, provenientes da Península, fazendo com que a música soasse mais leve, elegante e como que despreocupada, “meridional”, enfim. Para que as obras tivessem uma fisionomia mais arejada, deixaram-se de lado as complexidades das práticas polifônicas em voga até então. A partir da década de 1750, deu-se primazia ao esmerilhado acabamento formal e à perfeição da arquitetura; a expressão individual continuou a ser relegada a um segundo e discreto plano. Com o auxílio dos compositores ligados à Escola de Mannheim, inventores da cintilante orquestra moderna, o Classicismo acabaria por chegar ao seu apogeu graças a figuras geniais como as de Haydn e Mozart, que elevaram os modelos que abordaram a alturas não mais ultrapassáveis em termos de perfeição estilística. Nas duas primeiras décadas do século XIX, foi a vez de Beethoven e de Schubert retirarem dos modelos do Classicismo as suas últimas e, por sua vez, mais radicais possibilidades criativas, já apontando para as novas paragens expressivas do Romantismo. Assim, não por acaso os artistas românticos viam Beethoven não apenas como seu precursor, mas também como o primeiro e maior representante desse novo estilo de época.

De 1750 em diante, tornaram-se frequentes as discussões em torno dos efeitos causados na alma humana pela música. Foi então que se

passou a fazer uma distinção bem clara entre “sensação” e “conhecimento”, dando-se, àquela altura, maior importância à primeira no ato da experimentação musical. Assim, considerada agora “a linguagem da sensação”, a música foi colocada no ápice de uma nova classificação das artes. Dois problemas ocupavam as mentes de então, ambos não satisfatoriamente resolvidos: “que” sensações a música provocava e “como” ela fazia isso. Questões como essas ainda hoje são levantadas por algumas correntes da estética musical voltadas para os problemas de ordem psicológica. É curioso que, naquela época tida como especialmente racionalista, um artista singular como Luigi Boccherini, violoncelista que fazia furor com seus prodígios instrumentais desde a adolescência, fosse capaz de dizer: “A música destituída de sentimento e de paixão é insignificante”.

O Neoclassicismo, por sua vez, nasceu no início do século XX, como forma de evitar o “caos”, o “intelectualismo exacerbado” e a “música de quadro negro” das experiências radicais da Segunda Escola de Viena, integrada por três dos maiores artistas do novo século: Schoenberg, Berg e Webern. Estes consideravam sua música consequência lógica do caminho que havia sido aberto por Wagner, por eles trilhado em direção ao desconhecido da própria linguagem musical. Por acharem que o atonalismo e o dodecafonismo eram “artificiais”, “antimusicais” e “incompreensíveis”, muitos compositores de vários países se voltaram para o passado, buscando ali elementos que servissem como bases sólidas para a construção de suas obras, que eles desejavam “modernas, mas apegadas à não tradição”. A irônica e risonha Sinfonia Clássica, de Prokofiev (1917), que arremedava o estilo dos contemporâneos de Haydn, e o balé com canções *Pulcinella*, de Stravinsky (1920), espetáculo inspirado em uma Itália mais de sonho do que real e que usava inclusive partituras erroneamente atribuídas a Pergolese, estiveram entre os primeiros exemplares dessa tendência. Nela, passou-se a dar importância às formas do passado pré-romântico — concerto grosso, sonata para um ou vários instrumentos etc. —, fazendo

uso da politonalidade ou, então, de harmonias pouco habituais, a fim de dar à música um aspecto moderno. A expressividade, que seus defensores consideravam ter sido exagerada pelo último Romantismo, deveria nessa nova pauta ser bastante controlada. O alemão Paul Hindemith, os franceses do Grupo dos Seis, os italianos Respighi, Casella e Malipiero, o inglês Britten e o tcheco Martinu são alguns dos muitos compositores que aderiram a essa estética. No Brasil, o maior representante do Neoclassicismo foi o Villa-Lobos das nove Bachianas, escritas para várias formações vocais e instrumentais durante a década de 1930, quando ele trabalhava sob a ditadura de Vargas.

BÉLA BARTÓK (1881-1945)

Danças Populares Romenas

Divertimento para Orquestra de Cordas

Béla Bartók, o mais importante compositor húngaro de seu tempo, foi, por um lado, um folclorista preocupado em pesquisar a música arcaica não apenas das comunidades rurais de seu país, como também de várias outras regiões da Europa e até mesmo do norte da África. Por outro lado, fez-se um artista voltado para a criação de uma nova linguagem musical — radical, inovadora e humana — que fosse condizente com a turbulenta e paradoxal época em que vivia. As várias obras que criou, sobretudo nas décadas de 1920 e 1930, encontram-se entre as mais significativas que aqueles “anos loucos” nos deixaram.

Folclorista apaixonado, Bartók adotou critérios científicos em suas pesquisas, as quais trouxeram à tona todo um patrimônio musical até então desconhecido. Esse aspecto de seu trabalho é bastante notável nas deliciosas *Danças Populares Romenas* (que hoje talvez pudessem ser chamadas de “danças folclóricas”, a fim de se evitar confundi-las com a acepção dada pelo século XX à expressão “música popular”). Elas foram escritas em 1915, originalmente para piano, e transcritas para orquestra dois anos mais tarde. A atmosfera modal dessa música que soa a um só tempo arcaica e moderna, os ritmos por vezes assimétricos e imprevisíveis em suas batidas, as harmonias surpreendentes e dotadas de apimentadas dissonâncias, além da invenção

melódica incomum e cativante que cada dança exhibe — todas essas características continuam a fazer as delícias dos ouvintes ainda hoje, quase um século depois de essas danças terem sido concebidas.

Já o *Divertimento para Orquestra de Cordas* pertence a outra faceta da produção de Bartók, ainda mais original que aquela baseada no folclore. Trata-se da última obra escrita pelo compositor, em 1939, antes da sua ida para os Estados Unidos, em fuga do nazismo, que o considerava *persona non grata*, já que socialista declarado. Graças à generosidade do regente e mecenas suíço Paul Sacher, o compositor húngaro pôde escrever esse *Divertimento em paz e em liberdade* — “Ainda um instante de felicidade!”, exclamaria ele então. O formato do *Divertimento* deve algo da sua concepção ao concerto grosso barroco, cujo resgate estava bastante em voga naquele momento. Assim, seus três movimentos são como os do velho modelo italiano: rápido — lento — rápido, ou seja, *Allegro non troppo*, *Molto adagio* e *Allegro assai*. François-René Tranchefort disse dessa partitura: “A obra, que por vezes ressuscita o espírito de um Haydn, exige todo o brilho que se possa retirar de uma orquestra de solistas. Entretanto, as virtuosidades da escrita não devem nunca se impor na execução instrumental, em detrimento de uma espontaneidade um pouco rude, toda ‘camponesa’, bastante reivindicada pelo compositor”.

LEOPOLD HOFMANN (1738-1793)

Concerto para Violoncelo e Orquestra,

em Ré maior, Badley D3

O vienense Leopold Hofmann foi contemporâneo exato de Haydn e, como este, gozou de grande prestígio em seu tempo, inclusive fora da Áustria. Tendo recebido sólida formação, que o transformou em exímio violinista e tecladista, trabalhou para a corte vienense e ocupou cargos oficiais, alguns deles cobiçados por Mozart. Sua música instrumental foi comparada à de Gluck e à de Haydn, e sua produção para violino tornou-se modelo para as novas gerações de artistas austríacos. A imperatriz Maria Theresia, que apreciava muitíssimo suas execuções ao órgão, concedeu-lhe a maior condecoração do reino pela composição de uma missa, em 1773.

Segundo Hans-Georg Hofmann, em 1766, bem antes do recebimento desse prêmio, aparecera em um jornal de Viena um artigo intitulado “Do gosto musical vienense”, tratando das sensações provocadas pela fruição da música em geral. O autor, anônimo, comparava a música austríaca à italiana, à alemã e à francesa, considerando a vienense a melhor de todas elas. Leopold Hofmann é aí citado entre os maiores: “Ele tem o olhar fixo nas altas paragens. O sério e o agradável, o canto e a precisão caracterizam suas obras”. E, logo depois: “Sim, pode-se dizer que Hofmann, depois de Stamitz, é quase o único que se aplicou em aliar agilidade e *cantabile*”. O *Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Ré maior*, é contemporâneo desse artigo.

O catálogo de obras de Hofmann é considerável, reunindo grande número de obras vocais e instrumentais. Contudo, ele e sua produção caíram em total esquecimento depois da morte do artista. Apenas nos últimos anos, graças inclusive ao trabalho de artistas como Sol Gabetta, é que algumas de suas partituras têm voltado à tona, para a surpresa e o prazer do público aficionado da música do período clássico. Compondo música sacra desde a juventude, ele escreveu várias missas, até mesmo um réquiem. No domínio instrumental, destacam-se suas mais de quarenta sinfonias, e, além delas, vários concertos para cravo, flauta e violoncelo. Hofmann também nos legou considerável produção camerística.

Para H.-G. Hofmann, o *Concerto para Violoncelo e Orquestra* deixa perceber, a uma escuta atenta, “a sutil superposição de paletas expressivas de mundos afetivos singulares. Cada um dos três movimentos surpreende pela profusão de ideias que um invisível parentesco parece ligar umas às outras. Notar-se-á a entrada ‘furtiva’ do violoncelo nos segundo e terceiro movimentos, uma especialidade dos concertos de Boccherini! Tampouco passará despercebido um procedimento semelhante no *Concerto em Dó maior de Haydn*”.

O movimento inicial do *Concerto para Violoncelo de Hofmann*, um *Allegro moderato*, é aberto com agilidade e brilho, colocando em evidência dois temas principais. Depois desse primeiro *ritornello*, o violoncelo solo aparece com

um recitativo que logo se anima com a adesão da orquestra, a qual o acompanha no resgate do material melódico exibido pelo *tutti* inicial. A partir daí, solista e orquestra fazem suas aparições simétricas e muito animadas, em jogos de contrastes e de concordâncias. A difícil cadência para o solista, concebida por Sergio Ciomei de maneira pertinente ao estilo da obra, coroa o movimento em clima de especial euforia. O segundo movimento, *Adagio un poco andante*, tem início com um motivo em uníssono de sabor teatral. Mas o tema bastante *cantabile* que as cordas mostram em seguida, de maneira compassada, exibe o verdadeiro caráter dessa seção: o de uma cantilena muito bela. Uma surpresa nos é proporcionada pela entrada do *cello* solista, que parece sair do nada do silêncio para, aos poucos, ir se impondo, graças a seu tocante cântico ornamentado. A cadência providenciada para esse *Adagio* é, numa palavra, sonhadora. Já o movimento final, um rondó marcado *Allegro molto*, é alegre e dinâmico. O solista, cuja primeira aparição se dá nos registros agudos, apresentando redemoinhos melódicos bastante enfeitados, deixa evidente que ele se encontra, como diriam hoje os “modernetes”, no mais completo “alto-astral”.

FRANZ JOSEF HAYDN (1732-1809)

Concerto para Violoncelo e Orquestra nº 1,
em Dó maior, Hob. VIIb: 1

Haydn não foi apenas um dos mais importantes compositores do Classicismo vienense. Foi também um dos músicos de fato fundamentais na história dessa arte no Ocidente. Tendo como amigo Mozart e como aluno Beethoven, passou grande parte da vida encerrado como criado no castelo dos príncipes Ersterházy, algo que ele considerava benéfico, porque lhe dava a liberdade de não precisar seguir os modismos do momento. E foi ali que, sem ter sido exatamente o inventor destas formas, ele levou o quarteto de cordas e a sinfonia a altos cumes criativos, geradores de modelos que seriam seguidos pelas gerações posteriores. No já citado artigo acerca do gosto musical vienense, Haydn é descrito como “o bem-amado de nossa nação”, um compositor cujo “doce caráter é marca de toda peça que escreve. Sua música possui beleza, ordem, pureza, nobre e fina simplicidade que toca o coração do



Se a responsabilidade é grande, a alegria é três vezes maior.

O imprevisto tem dois lados. Fique com o melhor, fique com o Seguro Ouro Vida.

Com o **Seguro Ouro Vida**, você aproveita a vida sem preocupação e ainda conta com 39 serviços de assistência. Faça já o seu em qualquer agência do Banco do Brasil ou pelo bb.com.br.

Banco do Brasil.

Faz diferença ter um banco todo seu.

BANCO DO GABRIEL

ouvinte mais depressa do que ele pode esperar”. No final da vida, Haydn fez excursões de sucesso a Londres e foi considerado herói nacional em Viena, cidade na qual veio a falecer em meio ao ruído dos canhões napoleônicos.

Artista de enorme imaginação e de não menor técnica, Haydn praticou com felicidade todas as principais formas e gêneros existentes em seu tempo. Compôs mais de uma centena de sinfonias e cerca de sessenta quartetos para cordas. A fim de que se tenha uma ideia da amplitude de seu catálogo, talvez baste lembrar que ele nos deixou catorze missas, seis oratórios, duas dúzias de óperas, vinte e um trios com piano e cerca de cinquenta sonatas para teclado, além de ter arranjado para voz e teclado algo em torno de trezentas canções folclóricas.

Dentro desse catálogo gigantesco, ao qual seria necessário acrescentar ainda divertimentos, peças religiosas, cantatas e coros seculares, canções, cânones, músicas incidentais e danças, além de cem partituras para um instrumento hoje em desuso (o *baryton*, que lembra um tanto o violoncelo), os concertos para solista e orquestra ocupam lugar relativamente restrito. Não sendo ele mesmo um virtuose em instrumento algum, Haydn concebeu concertos para amigos ou, então, para virtuosos em visita a Esterháza. Mesmo assim, é possível ouvir concertos seus destinados a violino, violoncelo, flauta, fagote, trompa, trompete, cravo e órgão.

O *Concerto para Violoncelo e Orquestra nº 1, em Dó maior*, foi escrito entre 1762 e 1765, sendo, assim, contemporâneo do de Hofmann. Por muito tempo dado como perdido, ele só se tornou conhecido a partir de 1961, quando sua partitura foi localizada no arquivo do Castelo Radenin, na Boêmia. Foi a comparação com indicações existentes em um catálogo redigido pelo próprio Haydn que permitiu estabelecer sua autenticidade. Especula-se que esse concerto talvez tenha sido dedicado ao violoncelista da orquestra da corte do Castelo de Eszterháza, Joseph Weigl.

O primeiro movimento do Concerto em Dó maior, *Moderato*, possui ampla respiração, e é aberto por um vibrante *ritornello*, retomado várias vezes. Esse *tutti* orquestral, de caráter dançante e expansivo, contém também um

belo tema de aspecto cantante. É de maneira imponente que o *cello solo* se mostra em sua primeira aparição, logo se entregando a passagens repletas de ornamentos e de difícil execução, incluindo-se aí figuras que se repetem à maneira barroca. O diálogo estabelecido entre os *tutti* e os *solis* fornece especial energia a esse movimento, que, em seu final, conta com uma cadência longa e muito bem elaborada. O *Adagio* que vem em seguida é especialmente melodioso. Ele é aberto por um encantador clima de serenata, de grande doçura, que precede a entrada algo misteriosa do solista. O violoncelo solo logo se põe a cantar sua melodia particularmente cativante. Um curto episódio de teor dramático parece querer se impor na parte central desse *Adagio*, mas logo o clima amigável do início volta a se mostrar. Então, uma cadência muito rica abre um verdadeiro leque de gestos expressivos, os quais o violoncelo da época era capaz de realizar. E essa parte do Concerto termina entre pacífica e algo saudosista. O final, *Allegro molto*, já foi chamado de “um verdadeiro espetáculo de fogos de artifício” por Michel Parouty, que percebeu nele o impulso e o ardor de um gesto de liberdade, onde não parece existir uniformidade melódica ou rítmica. Esse *Finale* repleto de ânimo veloz e cintilante dá a impressão de ser uma deliciosa corrida à qual se entregam solista e orquestra. Aí, a forma se torna inesperada, dando por vezes a sensação de constituir um improviso altamente virtuosístico, que, engendrado por um compositor brilhante, só ganha vida quando entregue a intérpretes completos.

Comentários por J. Jota de Moraes

Edição SERGIO TELLAROLI

Projeto gráfico CARLO ZUFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Fotos não creditadas DIVULGAÇÃO

Assessoria de imprensa EDISON PAES DE MELO (Editor)

CTP e impressão IPSIS



INFORMAÇÃO ENVELHECE, CONHECIMENTO RENOVA.

O Estadão renovou.
Renovou o layout. Renovou as seções.
Renovou a maneira de compartilhar
o conhecimento.

Uma pequena mudança na forma
que vai fazer toda a diferença para
o conteúdo, que continua completo,
profundo, analítico. E a partir de
agora muito mais agradável também.

Colunas mais arejadas. Destaque
para os principais dados. Mais espaço
para columnistas e para as análises.
E muito mais espaço para debates.
Além de novos suplementos como
Sábatico, C2+Música, C2 Domingo,
Planeta e o Guia, que passa a se
chamar Divirta-se.

Porque não adianta ter conhecimento
se ele não for acessível.



Amplie | Questione | Atualize | seu conhecimento

O ESTADO DE S. PAULO



Dezsö Ránki PIANO

13 e 14 de abril

Orquestra Filarmônica de Dresden

Rafael Frühbeck de Burgos REGÊNCIA

Johannes Moser VIOLONCELO

3 e 4 de maio

Nelson Goerner PIANO

18 e 19 de maio

Orquestra de Câmara de Basel

Sol Gabetta VIOLONCELO

31 de maio e 1º de junho

Yo-Yo Ma VIOLONCELO

Kathryn Stott PIANO

15 e 16 de junho

Anna Caterina Antonacci SOPRANO

Donald Sulzen PIANO

20 e 22 de julho

Hong Kong Sinfonietta

Yip Wing-Sie REGÊNCIA

Colleen Lee Ka-ling PIANO

14 e 16 de agosto

Musica Angelica

Carolyn Sampson SOPRANO

Daniel Taylor CONTRATENOR

20 e 22 de setembro

Orquestra Filarmônica da Radio France

Myung-Whun Chung REGÊNCIA

Sergio Tiempo PIANO

19 e 20 de outubro

Itzhak Perlman VIOLINO

22 e 23 de novembro

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Ricardo Becker
Fernando Carramaschi

Superintendente
Gérald Perret

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder

Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Aluizio Rebello de Araújo
Antonio Ermirio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Milu Villela
Pedro Herz
Plínio José Marafon
Salim Taufic Schahin

Conselho Consultivo
Affonso Celso Pastore
Alfredo Rizkallah
Hermann Weber
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Sylvia Kowarick
Thomas Michael Lanz

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo
Alberto Goldman

Secretário de Estado da Cultura
Andrea Matarazzo

Secretário-adjunto
Ronaldo Bianchi

Chefe de Gabinete
Sergio Tiezzi

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Titular
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

Administrador Artístico
Uli Schneider

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Diretor de Marketing
Carlos Harasawa

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Supervisora de Eventos
Mauren Stieven

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Gerente de Comunicação
Marcele Lucon Ghelardi

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Supervisora de Sites
Fabiana Ghantous

Assessoria de Imprensa
Alexandre Félix
Desirée Furoni

Supervisora de Publicações
Fernanda Salvetti Mosaner

Supervisora de Publicidade
Thalita Silveira

Departamento de Produção – OSESP
Analia Verônica Belli

Departamento Técnico
Marcello Anjinho

Departamento de Operações
Monica Cassia Ferreira

Assistentes Técnicos
Nil Campos
Sergio Cattini

Produção
Lucy Carvalho
Mauro Candotti
Viviane Martins Bressan
Marildo Lopes de Sousa Jr
Maylime Dias Abreu
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro
Walther Carvalho
Karina Lima Slumba

Acústica
Cassio Mendes Antas
Reinaldo Marques de Oliveira

Apoio a Eventos
Felipe Lapa
Demeter Tosin
Alexandre Catalano
Raiumundo dos Santos

Iluminação
Paulo Pironi

Som
Mauro Santiago Gois

Montagem
João André Blásio
Paulo Broda

Controlador de Acesso – encarregado
Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – encarregado
Samuel Calebe Alves

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
CADA VEZ MELHOR

FUNDAÇÃO OSESP
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CULTURA

SALA SÃO PAULO
10 ANOS



café filosófico
CPFL

gadagency

cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento. Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site www.cpflcultura.com.br

Apoio Institucional

Patrocínio



cpflcultura



90 músicos
4 movimentos
10 minutos de aplausos
Um Credit Suisse
apoiando a Cultura Artística

Famosa por sua tradição pioneira e excelência coletiva a Sociedade de Cultura Artística toca o público da mesma forma pela qual buscamos conquistar nossos clientes: pela performance.

O Credit Suisse tem orgulho de ser patrocinador da Sociedade de Cultura Artística e continuará apoiando instituições que investem na música clássica no longo prazo.
credit-suisse.com/sponsorship

CREDIT SUISSE 